

A VIAGEM E A QUEDA DE SANTORINI: TRABALHO EXAUSTIVO EM NAVIOS DE CRUZEIRO

The journey and fall of santorini: exhausting work on cruise ships

Angela Teberga de Paula

Universidade de Brasília - Centro de Excelência em Turismo/UNB
angela.teberga@gmail.com

Pedro Henrique Antunes da Costa

Universidade de Brasília - Departamento de Psicologia Clínica/UNB
phantunes.costa@gmail.com

Thiago Sebastiano de Melo

Universidade de Brasília - Centro de Excelência em Turismo/UNB
sebastianodemelo@gmail.com

Resumo: Ao passo que o fenômeno turístico ganha em importância para a reestruturação produtiva do capitalismo contemporâneo, seus rebatimentos na saúde do/a trabalhador/a cresce assustadoramente. Entre outras, nota-se uma defasagem nas elaborações que aproximem turismo e saúde, notadamente na perspectiva da determinação social da saúde. Por isso, abordamos o caso de uma trabalhadora, ex-tripulante, que chamamos de “Santorini” para preservar seu anonimato, cujas condições exaustivas e degradantes de trabalho em navios de cruzeiro resultaram na deterioração de sua saúde (física e mental), bem como em inúmeras implicações deletérias à sua vida. Examinamos, pois, o caráter degradante à saúde das condições de trabalho em navios de cruzeiros, a partir da análise das jornadas exaustivas de trabalho desta ex-tripulante. Assim, apresentamos, analisamos e debatemos esse caso concreto de adoecimento decorrente de condições precárias e exaustivas de trabalho em um navio de cruzeiro, enquanto expressão singular da dinâmica de trabalho em tais instituições - e, em extensão, do modo de produção capitalista em seu estágio corrente, nos marcos de sua reestruturação produtiva, marcada fundamentalmente pela acumulação flexível. O caso de Santorini choca pela desumanização desse momento histórico, no qual, empresas subsumem seres humanos aos imperativos da reestruturação produtiva que permitem seguir com a reprodução ampliada do capital, mesmo com a escalada do número de adoecimentos e mortes relacionadas ao trabalho em âmbito mundial.

Palavras-chaves: Condições de Trabalho no Turismo; Cruzeiros Marítimos; Saúde do/a Trabalhador/a.

Abstract: As the tourist phenomenon gains importance for the productive restructuring of contemporary capitalism, its repercussions on workers' health grow alarmingly. Among others, there is a discrepancy in elaborations that bring tourism and health together, notably from the perspective of social determination of health. Therefore, we address the case of a worker, former crew member, who we call “Santorini” to preserve her anonymity, whose exhausting and degrading working conditions on cruise ships resulted in the deterioration of her health (physical and mental), as well as countless harmful implications for her life. We therefore examine the health-degrading nature of working conditions on cruise ships, based on the analysis of the exhausting working hours of this former crew member. Thus, we present, analyze, and debate this specific case of illness resulting from precarious and exhausting working conditions on a cruise ship, as a unique expression of the work dynamics in such institutions - and, in extension, of the capitalist mode of production in its current stage, within the framework of its productive restructuring, fundamentally marked by flexible accumulation. Santorini's case is shocking due to the dehumanization in this historical moment, in which companies subsume human beings to the imperatives of productive restructuring that allow them to continue with the expanded capital reproduction, even with the escalating number of work-related illnesses and deaths worldwide.

Keywords: Working Conditions in Tourism; Sea Cruises; Worker's Health.

INTRODUÇÃO

Ancorado na necessidade de avolumar e, esperamos, contribuir com a qualificação das aproximações entre os campos do turismo e da saúde do/a trabalhador/a, o texto em tela se debruça sobre as implicações desdobradas do fenômeno turístico se expandir e ganhar importância dentro das dinâmicas de reestruturação do capitalismo contemporâneo. Neste caso, em uma de suas grandes referências publicitárias e mercadológicas e que amalgama três de suas principais dimensões: o transporte, a hospedagem e o lazer/entretenimento. Sem dificuldade, é possível adicionar a dimensão cultural e de eventos na constituição das vivências turísticas em cruzeiros de navios.

A aproximação supracitada exige navegar pelos desafios da relação Turismo-Saúde sem naufragar nas turbulências de concepções que a circunscreve às coordenadas da lógica capitalista e a rebaixa à segmentação turística (Melo, 2017). Que o fenômeno turístico é um componente central da reestruturação produtiva, isso é cada dia mais evidente nas dinâmicas de precarização do trabalho, em que pese não o sê-lo nas elaborações teóricas. Essa situação faz com que as ocupações turísticas ocupem um vexatório lugar dentro das estatísticas sobre trabalho escravo no mundo (Paula; Heredia, 2020). Refinando as métricas e metodologias, e, portanto, seu suporte teórico, tais dados tendem a subir. Ou seja, pensar num turismo que contemple a diversidade existencial (Melo; Duarte, 2022) e que se comprometa com a saúde do/a trabalhador/a demanda subsídios para uma elaboração teórica capaz de avançar em searas descobertas nas formulações teóricas capazes de contribuir com uma práxis emancipatória.

Examinamos, pois, o caráter deletério à saúde das condições de trabalho em navios de cruzeiros, a partir da análise das jornadas exaustivas de trabalho de uma ex-tripulante. Para isso, apresentamos, analisamos e debatemos um caso concreto de adoecimento decorrente de condições precárias e exaustivas de trabalho em um navio de cruzeiro, enquanto expressão singular da dinâmica de trabalho em tais instituições - e, em extensão, do modo de produção capitalista em seu estágio corrente, nos marcos de sua reestruturação produtiva, marcada fundamentalmente pela acumulação flexível.

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado que examinou as condições de trabalho em navios de cruzeiros, a partir da análise das jornadas exaustivas de trabalho dos tripulantes enquanto principais características da existência de trabalho escravo contemporâneo nesses navios. Neste artigo, abordamos o caso de uma das ex-tripulantes entrevistadas para a referida Tese de Doutorado. As condições exaustivas e degradantes de

trabalho em navios de cruzeiro resultaram na deterioração da saúde (física e mental), bem como em inúmeras implicações deletérias à vida da trabalhadora.

O contato com a participante da pesquisa – ex-tripulante brasileira de cruzeiros marítimos – se fez pela técnica da história oral, através de entrevistas em profundidade. A técnica da história oral utilizada nesta pesquisa é baseada em Portelli (2010), que explica sobre o enfoque da história oral nas impressões dos informantes da pesquisa. A técnica foi ao encontro do interesse em ouvir vozes diversas de trabalhadores de navios sobre suas impressões acerca do trabalho a bordo, porque, afinal, a história oral é um instrumento de “deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas” (Portelli, 2010, p. 27).

A história oral insere-se como exemplo de entrevista aberta, dentro da classificação das técnicas de coleta de dados primários. Seu “enfoque é específico de uma época ou um tema que se queira saber do sujeito informante”, segundo Santos, Osterne e Almeida (2014, p. 40), e por isso difere-se da história de vida, que pressupõe um conjunto de experiências de uma vida inteira.

Neste trabalho, as entrevistas podem ser caracterizadas como “narrativas” (Jovchelovitch; Bauer, 2011, p. 93), apropriadas para encorajar e estimular o entrevistado, ou informante, “a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social”. Os entrevistados, literalmente, narram os acontecimentos pelos quais passaram, a partir de suas perspectivas.

Foram realizadas entrevistas em profundidade no período entre janeiro de 2019 e março de 2020 para a Tese de Doutorado. A seleção da participante à qual o presente recorte se refere, se deu circunscrita à utilização da técnica de amostragem “bola de neve” (*snowball sampling*), uma técnica não-probabilística, em que os entrevistados convidam novos participantes de sua rede de conhecidos. Vinuto (2014) esclarece que essa é uma técnica útil para estudar determinados grupos que são difíceis de serem acessados. Inicialmente, realizou-se contato com o(s) primeiro(s) entrevistado(s) e, depois, esse(s) indicou(aram) outros contatos que poderiam contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

Afiançada no materialismo histórico-dialético, a análise se dá a partir da dialética singular-particular-universal, entendendo que no “indivíduo está sintetizado as particularidades (as mediações sociais) e a universalidade (a genericidade) que foi possível ao indivíduo apropriar-se” (Oliveira, 2005, p. 50). Sendo assim, por mais que se trate de um caso específico, sua concretude expressa, singularmente, a totalidade social e suas especificidades no tempo

histórico - por exemplo, as condições alienadas e exploratórias de trabalho no modo de produção capitalista - mediado pelas particularidades - no caso, a condição de trabalhadora mulher, brasileira, nordestina em condições exaustivas específicas do trabalho em navios de cruzeiros, dentre outras. Considerando que o “concreto é concreto porque a síntese de múltiplas determinações” (Marx, 2011, p. 77), apreendemos como o singular é via de acesso ao universal, ou como o universal se concretiza nas singularidades dos indivíduos, na/pela mediação das particularidades sociais, indo além da aparência fenomênica e da individualização da realidade social.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Caxias do Sul, nº 3.195.528. Para preservar o anonimato da entrevistada, foi estipulado nome fictício, no caso, Santorini, que corresponde a uma cidade na Grécia, com um dos principais portos de navios de passageiros do mundo.

O “EMBARQUE” DE SANTORINI

Santorini, brasileira, mulher, branca, morava no Recife quando decidiu tentar a seleção para o trabalho nos navios. Colegas do seu trabalho anterior alertaram-na para buscar uma vaga na loja de produtos importados (*free shop*) do navio, pois ela conseguiria uma remuneração melhor da que ganhava, em razão do pagamento por comissão. Santorini concordou, realizou o processo seletivo, sendo aprovada e embarcando no dia 02 de dezembro de 2015, em Salvador, no navio MSC Splendida, como atendente de loja, aos 30 anos de idade.

Cabe ressaltar que a alta empregabilidade e o pagamento em moeda estrangeira – dólar ou euro – têm despertado o interesse de milhares de jovens e adultos para o trabalho em cruzeiros. Soma-se a isso as condições de trabalho e de vida nas diferentes partes do globo, em especial no que concerne à desigualdade, ao empobrecimento, desemprego dentre outras expressões ou desdobramentos da “questão social” que atingem frações da classe trabalhadora de países periféricos, tais como os do Sudeste Asiático e da América Latina. Além das questões objetivas, permanece entre muitos jovens um encantamento em relação ao trabalho em navios. No imaginário popular – e que pode se confirmar na prática, em determinadas situações –, há a ideia de que o tripulante de navio pode conhecer vários destinos turísticos internacionais enquanto trabalha, oportunidade que não existiria caso seu trabalho acontecesse em terra. Esse é um deslumbramento ainda mais pronunciado em migrantes de países periféricos, conforme foi explicado por Bianchi (2000).

No Brasil, Claro (2016) aponta o salário e a possibilidade de visitar diferentes lugares como os fatores motivacionais considerados mais importantes pelos tripulantes. Pacheco, Panosso Netto e Lohmann (2010) identificaram a prática de novos idiomas e experiência profissional como outros fatores. Sehkaran e Sevcikova (2011) ponderam, todavia, que as motivações para o trabalho no navio possuem diferenças significativas de acordo com a nacionalidade do tripulante. Ajudar financeiramente suas famílias nos países de origem é a mais importante motivação para o trabalho para tripulantes de países periféricos, como o Brasil, segundo as autoras. O salário recebido das companhias é enviado para seus países e, portanto, esses tripulantes não possuem o costume de visitar lugares diferentes, nem gastar o salário nas lojas dos navios.

Outra questão importante a se ponderar é em relação à política salarial praticada pelos navios. Embora o piso salarial dos tripulantes estivesse na época da pesquisa acima da média salarial brasileira, verificou-se uma importante variação do salário pago pelas companhias e conforme os cargos ocupados pelos tripulantes. E, novamente, a nacionalidade aparece como critério importante para a definição da expectativa salarial: “Os empregados de países de economias subdesenvolvidas sentem-se mais satisfeitos com os salários do que os empregados de países desenvolvidos” (SEHKARAN; SEVCIKOVA, 2011, p. 75, tradução livre).

A “VIAGEM” PARA SANTORINI: FLEXIBILIZAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO (JORNADAS EXAUSTIVAS)

Já no navio, a função de Santorini era atender os passageiros, receber as mercadorias e repor o estoque da loja. Ela era responsável pela loja de bolsas femininas. Por se tratar de um *free shop* – loja em que os produtos são vendidos sem a aplicação de determinados impostos locais ou nacionais –, só poderia abrir a loja quando o navio estivesse em área internacional. Quando a loja estava fechada, ela, enquanto tripulante, precisava cuidar da parte administrativa, com atividades de contabilidade, balanço financeiro, limpeza da loja e reposição de mercadorias.

Salientamos, inicialmente, não ser fatalidade que Santorini, mulher e brasileira, ocupasse tal cargo, responsável por tais atribuições. Wu (2005) explica que mais da metade dos tripulantes de países centrais do capitalismo laboram em serviços com atendimento ao passageiro, e os tripulantes de países periféricos estão majoritariamente presentes em departamentos de cozinha, restaurantes e bares. Já do ponto de vista da distribuição por

categorias hierárquicas, as diferenças regionais são ainda mais evidentes, estando a ampla maioria dos tripulantes asiáticos e latino-americanos em ocupações de categoria inferior (*crew* ou *rating*), tal como Santorini.

Também o gênero é uma determinação importante para a estratificação entre a tripulação. A participação das mulheres em cargos oficiais é ínfima – cerca de 2% – e a maioria delas é empregada em ocupações com contato direto com os passageiros, com mais de 30% das mulheres atuando no serviço de atendimento ao público (Wu, 2005). Zhao (2002) observou, por exemplo, que o centro médico é composto por enfermeiras mulheres e a recepção por mais de 70% de tripulantes mulheres, sugerindo que elas teriam habilidades ou capacidades naturais para esse tipo de trabalho.

Na mesma linha, Paula e Herédia (2017) demonstram que 58% das tripulantes mulheres entrevistadas percebem uma divisão de cargos por gênero, que é justificada em razão da força física atribuída ao gênero masculino, com os cargos de engenharia, manutenção, piscina e cozinha sendo ocupados majoritariamente por homens, e do sentido de cuidado atribuído ao gênero feminino, com as mulheres ocupando cargos de atendimento ao público ou limpeza. Esse dado confirma a manifestação da desigualdade de gênero em navios de cruzeiro com o sexismo na hierarquia e na distribuição de cargos entre a tripulação.

Portanto, consoantes a Wood (2000), é evidente a expressão da divisão internacional do trabalho dentro dos cruzeiros. Ademais, tal divisão também expressa o próprio caráter desigual e combinado do desenvolvimento capitalista, bem como suas determinações e mediações étnicas, raciais e sexuais/de gênero, conforme apontado.

Em decorrência da variedade de atribuições de seu cargo e o seu caráter flexível, Santorini relatou que, desde o princípio, se sentia muito cansada. Segundo ela, o trabalho era exaustivo e sua alimentação insuficiente. Relatou carregar caixas pesadas de bolsas pela escada, do andar do estoque até o andar da loja. Nos dois primeiros meses, relatou ter emagrecido 20 kg: “Eu cheguei ao ponto de entrar 9h da manhã de um dia e sair às 6h da manhã do outro dia, porque você tinha de arrumar estoque, limpar loja e preparar o bazar para o outro dia”. Também lembrou que os passageiros mais impacientes batiam incessantemente na porta para que ela abrisse a loja, mesmo em horários em que ela deveria estar fechada.

O bazar com os produtos em promoção era exposto próximo à piscina aquecida, em dias de navegação. Os tripulantes do setor precisavam carregar as mesas de ferro até o andar da piscina. Em seguida, deviam organizar os produtos nas mesas para exposição. No caso de Santorini, ela e uma colega se ajudavam para levar as mesas e organizar as mercadorias: “Nós

tínhamos que carregar duas, três, quatro, cinco mesas, que pesavam mais de 30 kg. Somando com as bolsas, devia ser uns 40 a 50 kg a bendita daquela mesa”. Acrescentou que ficava em pé no bazar por horas, “a gente morria de calor naquele aquário”.

Ela contou que sua pior experiência foi no período do crossing – travessia entre América e Europa –, porque a loja precisava estar aberta todos os dias. Além disso, relatou que, nesse período, os tripulantes do setor precisavam alterar a moeda de todos os produtos da loja, de dólar para euro

O crossing foi péssimo porque você tem que trocar moedas, ao mesmo tempo que você tem que organizar todo o seu estoque. E quando você finalmente termina o seu crossing, que você pensa que vai descansar, você começa a receber coisas novas e daí tem que lançar, ver se tudo que eles mandaram está certo, fazer as contagens e tal.

Sua extensa e atribulada jornada a impedia de passear nas cidades turísticas por onde o navio passava. Ela era autorizada a se ausentar por 40 minutos quando o navio estava atracado, o que fazia indo a algum restaurante em terra para comer “comida de verdade”: “Quarenta minutos eu ia ali no botequim do outro lado do porto comer. Chega um tempo que você fica tão amiga do povo, que você liga para o restaurante que costuma ir e pede para preparar seu prato feito”.

O ritmo de trabalho era extremamente acelerado e as pequenas ausências eram advertidas. “No começo, nós usávamos o banheiro dos passageiros, que era mais perto da loja. Mas recebi um *warning* [advertência] por isso e passei a utilizar o banheiro da minha cabine”. Nesse episódio em específico, Santorini precisou ir ao escritório de Recursos Humanos (RH) do navio para assinar a notificação. Porém, ela se recusou a assinar, pois não entendia por que o fato de ter ido ao banheiro era uma falta grave. Explicaram que toda ausência do trabalho, inclusive para ir ao banheiro, precisava ser notificada à chefia e ela não o fez: “Eu tive de ouvir a seguinte piada de todos os homens que estavam lá: ‘segurasse então’”.

Embora não haja consenso no âmbito jurídico quanto à definição de jornada exaustiva, pode-se afirmar que há consenso no que se refere aos desdobramentos do excesso de trabalho, resultando em danos físicos e mentais para o trabalhador. E isso se dá tanto na extensão da jornada de trabalho (com produção e extração de mais-valia absoluta) quanto na intensificação do trabalho sem, necessariamente, aumentar a jornada (mais-valia relativa). Há, pois, uma determinação reflexiva entre a jornada exaustiva e a exaustão do(a) trabalhador(a), com inúmeros prejuízos, como, por exemplo: exaustão, extrema fadiga; esgotamento físico e psicológico e deterioração da saúde física e mental; violação de direito fundamental do trabalhador, notadamente os relacionados à segurança e saúde; e sofrimento psíquico (Teles,

2006; Pereira, 2007; Delmanto et al., 2010; Greco, 2010; Masson, 2014; Brito Filho, 2017; Sakamoto, 2020).

No caso de Santorini, além do cansaço físico, ela relatou que o sentimento de pressão e tortura psicológica eram ainda piores. Por trabalhar na loja, nenhuma mercadoria poderia desaparecer, pois ela arcaria com os custos do produto desaparecido. Além disso, precisava bater metas de vendas constantemente e era advertida quando não conseguia. “O assédio é muito forte. Você fica paranoico o tempo todo”.

A “QUEDA” DE SANTORINI: DOR, HUMILHAÇÃO E DESRESPONSABILIZAÇÃO DA EMPRESA

Certo dia, já na Europa, os tripulantes precisaram organizar todo seu setor para receber uma visita de uma chefia de alta patente das boutiques do navio. O estoque de bolsas era bastante apertado e inadequado para armazenamento, com caixas empilhadas e sacos com bolsas espalhados pelo chão. “A gente tinha de subir, escalar as caixas para pegar as bolsas, parecia um pula-pula”. Todavia, com a expectativa da vinda da chefia superior, Santorini recebeu a ordem de transferir todo o estoque das bolsas novas para outra localidade, mais espaçosa e seguindo os regramentos europeus de segurança – para circulação e armazenamento dos produtos em prateleiras.

Foram cerca de quinze dias nesse trabalho. A ex-tripulante sentiu-se exaurida.

Eu não comia direito, eu tinha emagrecido 20kg, eu não dormia mais de 3 horas por noite. Eu estava o bico do corvo. [...] Eu disse: ‘Não estou dando conta’. Meu chefe disse: ‘Você tem impressão que não está dando conta, mas você trabalha muito bem, você vai conseguir’. Eu respondi: ‘— Você não está entendendo, o meu corpo não está aguentando!’.

No entanto, Santorini permaneceu na labuta, levando as bolsas antigas a um estoque que era dividido com a loja de lembranças (gift shop) e que não seria vistoriado. Em um certo momento, Santorini se desequilibrou, “porque meu querido sapato de cargo já não me dava apoio nenhum”, e caiu em um corredor onde estavam as mercadorias mais delicadas, como objetos de porcelana.

Caiu e lá permaneceu. Não conseguia mexer e sentia as pernas queimarem. Conseguiu chamar um colega de trabalho por telefone, o qual alcançou se rastejando pelo chão. O colega a ajudou sentar-se em uma cadeira, mas relatou que mal conseguia colocar o pé no chão, porque “era como se eu não tivesse o joelho. Não me sustentava mais”. Assim, foi levada de cadeira de rodas até o centro médico, onde foi examinada por uma médica plantonista. Não aparentava

ser fratura óssea, afinal, não havia hematomas. Ela sentia arder muito a região, que estava inchada. A médica aplicou uma injeção com analgésico para reduzir a dor e receitou uma pomada anti-inflamatória para uso tópico: “Com a injeção eu consegui dormir mais ou menos até às 4h. Acordei com uma dor lancinante. O analgésico oral não dava conta. Meu joelho não estava roxo, mas doía muito. Aquilo estava muito estranho”.

A literatura acadêmica indica que certas enfermidades são bastante comuns entre trabalhadores de empresas de turismo. No caso da hotelaria, por exemplo, Rocha (2013) pontua que a sobrecarga de trabalho pode ter gerado lesões musculares e articulares, além de sintomas psicossomáticos – como diarreias, sudorese, cefaleia e ansiedade. A autora pontua, todavia, que os riscos mais significativos encontrados nos ambientes hoteleiros são ergonômicos. As queixas de dores intensas mais recorrentes são nos braços, punhos e mãos, partes do corpo que mais sentem a sobrecarga de peso. Também as costas e as pernas aparecem como foco de lesão por sobrecarga (Rocha, 2013).

No âmbito dos cruzeiros, especificamente, é possível verificar as produções de Dahl, Ulven e Horneland (2008) e Radic (2018) sobre acidentes de trabalho a bordo. Os primeiros verificaram que a maioria das lesões relatadas entre a tripulação é causada por objetos pontiagudos e por quedas geradas por escorregões e tropeções. Radic (2018) explica que as lesões são geradas por dois principais grupos: 1) fatores humanos – fadiga, trabalho sob pressão, longos contratos e jornadas de trabalho exaustivas; e 2) características estruturais dos navios de cruzeiros – superfícies escorregadias e a ergonomia do trabalho. Apenas gostaríamos de problematizar a concepção de “fatores humanos” do autor que, como é possível observar, se refere às próprias condições (precárias) de trabalho, de modo a não corroborar a culpabilização dos(as) próprios(as) trabalhadores(as).

Cañada (2015, p. 38, tradução livre) conclui que a sobrecarga de trabalho é a principal causa das doenças laborais entre os trabalhadores do turismo. E, por isso, o ritmo e a organização de trabalho deveriam seguir medidas claras de redução da intensidade: “as respostas não podem se limitar a uma melhor tecnologia e ergonomia, por mais importantes e necessárias que sejam. Na realidade, o que se precisa é uma mudança radical na organização do trabalho que resulte sobretudo em uma diminuição substancial da carga de trabalho”.

Voltando à Santorini, em razão de uma série de indicações inadequadas dos profissionais que a atenderam no centro médico do navio, como, por exemplo, a insistência para caminhar mesmo com dor, a situação se agravou muito. Apenas posteriormente descobriu-se

que rompeu os ligamentos do joelho e lesionou o menisco com a queda, que depois se agravaram para uma lesão na alça de balde do menisco.

Somada à dor, Santorini sentia-se humilhada pela equipe médica. Os médicos não quiseram notificar a queda como um acidente de trabalho e tratavam a ex-tripulante de maneira hostil e agressiva. “Por que você veio aqui de cadeira de rodas? Podia muito bem vir andando! [...] Você sabe que não pode ficar mais de três dias sem trabalhar? [...] Até criança cai, qual é o seu problema? Você só torceu o joelho, deixa de ser mole!”. Os médicos insistiram que o anti-inflamatório era suficiente para o tratamento e que a recuperação deveria ser feita com a caminhada. “Fui andando para o meu quarto, né? Cada passo, uma ida para o inferno”. Voltou se arrastando e encostando na parede, sem a ajuda de qualquer apoio ou muleta.

Nesse sentido, observamos que o controle minucioso da qualidade e do tempo utilizado para o desenvolvimento de cada tarefa de trabalho, como pilar constitutivo da acumulação flexível, se dá não só pelas exigências criteriosas, muitas vezes acompanhadas de assédio moral e humilhação, por parte dos supervisores hierárquicos de cada função, como pelos profissionais supostamente mobilizados para prestar a devida assistência em saúde à trabalhadora. Na verdade, há um continuum de humilhação que se soma à própria negligência e desresponsabilização da empresa conformando o processo de acumulação que, por sua vez, se pauta no agravamento das debilidades de saúde do(a) trabalhador(a).

Para Santorini, as horas e os dias passavam, e a dor só aumentava. Depois de muitas solicitações, ela conseguiu finalmente ser consultada por um ortopedista em Hamburgo (Alemanha). Lá, prontamente fez uma ressonância magnética. A médica alemã receitou medicações mais fortes, além de uma joelheira para comprimir o inchaço anormal do joelho, que teria ocorrido provavelmente por uma retenção abundante de líquido. A médica indicou sua repatriação imediata, porque no navio a ex-tripulante não poderia permanecer sem estar trabalhando.

No navio, Santorini solicitou aos colegas que fizessem sua mala, enquanto dava prosseguimento ao desligamento formal da companhia no escritório do RH, em razão de dispensa médica. Sem qualquer suporte ou acompanhamento da empresa, seguiu ao aeroporto de Hamburgo sozinha. Relata que o voo (Hamburgo - Lisboa - Recife) foi o mais longo de sua vida, afinal, estava sentada em uma poltrona comum, com a perna esquerda dolorida e sem espaço o suficiente entre os bancos para esticá-la: “Quando eu cheguei no Brasil, a minha perna estava toda inchada. O meu pé, o meu dedo. Tudo, tudo inchado. O meu lado esquerdo estava todo inchado”.

O “DESEMBARQUE” E O SEGUNDO PESADELO: MAIS DESRESPONSABILIZAÇÃO, ADOECIMENTO E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Já no Brasil, Santorini foi hospitalizada em busca de um tratamento eficaz para a lesão em seu joelho. Fez novos exames, que apontaram para uma “lesão clássica” do ligamento cruzado anterior (LCA), que poderia ser reconstruído por cirurgia. “Daí começou meu pesadelo, meu segundo pesadelo”, porque, sem convênio médico e sem auxílio da agência de recrutamento e da armadora de cruzeiro, o caminho para viabilização da cirurgia seria muito demorado e penoso. Foram dez meses aguardando a realização da cirurgia, porque a companhia italiana, embora tivesse sinalizado que arcaria com todos os custos do procedimento, postergou por muitos meses para autorizá-la.

Foi um “pesadelo” para Santorini e sua família, porque durante todo esse tempo sofreram uma pressão psicológica muito grande. “Desde a minha lesão, eu fiz cinquenta milhões de orçamentos da cirurgia, e mesmo assim eles falavam que estava muito cara e que eu queria roubá-los”. E continuou: “Nessa época, eu já estava morrendo de dor há tanto tempo, que se eles falassem que iriam pagar um açougueiro, eu aceitava! Meu joelho já deslocava, eu dormia a cada três dias. Eu desenvolvi quadros depressivos e alterações de personalidade durante tudo isso”.

A espera angustiante pela cirurgia, aliada ao tratamento hostil da empresa, lhe causou diversos traumas, psicológicos e físicos. Desenvolveu fibromialgia – síndrome caracterizada por dor crônica e generalizada no corpo – e psoríase ao redor do joelho – uma doença inflamatória de fundo emocional, caracterizada por manchas avermelhadas na pele –, que permanecem em sua vida até hoje. Mesmo após a cirurgia, o “pesadelo” demorou a cessar, pois Santorini precisou aguardar mais cinco meses para iniciar o tratamento de reabilitação – o que também lhe gerou outros problemas de saúde, como a tendinite da pata de ganso – inflamação dos tendões do joelho – e atrofia muscular da perna esquerda, pois a companhia se recusava a arcar com as sessões de fisioterapia.

Em 2018, três anos após o acontecimento, a ex-tripulante recebeu um e-mail do escritório geral de RH da MSC, localizada na Itália, com os dizeres: ““A gente não tem mais nada a ver com você. Não somos mais prisioneiros dos seus caprichos!””. Em todo esse período, desde o acidente de trabalho no navio até o tratamento de reabilitação, o desgaste físico e

psicológico foi muito intenso para ela e familiares, afinal, precisaram recorrer inúmeras vezes à empresa para conseguir atendimento.

Grosso modo, no caso de Santorini, há de se considerar não “apenas” a condição precária e exaustiva de trabalho e o acidente decorrente de tais condições, mas toda a violência sofrida por ela posterior ao acidente e à sua lesão, que não só agravaram sua condição e situação de saúde, como resultaram em (mais) implicações deletérias objetivas e subjetivas à sua vida. Considerando isto, a partir da clássica tipificação de Schilling (1984), utilizada para avaliação da Doença Relacionada ao Trabalho (DRT), o caso de Santorini se enquadraria nos três agrupamentos, com o trabalho e toda desresponsabilização, negligência da empresa na assistência à trabalhadora como causas necessárias ao adoecimento, ao mesmo tempo que contributivas e provocadoras de um distúrbio latente, ou agravador de doença já estabelecida (no caso, pelo próprio acidente no trabalho).

Durante a entrevista, a ex-tripulante relatou que estava tentando dar continuidade à sua vida. Ela mencionou não conseguir mais trabalhar desde o retorno, mas que pretendia retornar aos estudos no Canadá e buscar uma recolocação profissional. Sem nenhum intuito romantizador de sua condição, o movimento de Santorini explicita a própria complexidade do movimento real e o seu caráter dialético, no/pelo qual os seres se humanizam, a despeito da desumanização que os acomete. Mesmo num quadro de adoecimento e sofrimento psíquico, Santorini demonstra que saúde não se resume à doença, remetendo à produção de vida e às condições concretas nas quais os indivíduos se produzem; a própria concepção da relação saúde-doença como processo já manifesta isso (COSTA, 2022).

A DIALÉTICA SINGULAR-PARTICULAR-UNIVERSAL NO CASO DE SANTORINI E O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA NO TRABALHO EXAUSTIVO E PRECÁRIO EM NAVIOS CRUZEIROS

Inicialmente, é importante salientar que Santorini relatou compreender que seu adoecimento e sofrimento psíquico estavam relacionados ao trabalho no navio. Seu adoecimento se deu em razão das condições precárias e exaustivas de trabalho, tendo sido intensificado pela negligência médica e exigência de permanecer trabalhando mesmo estando machucada e com dor, bem como por conta da desresponsabilização da empresa em prover a devida assistência de saúde, após o seu retorno ao Brasil. Cabe, inclusive, o questionamento de se, no seu caso, o que ocorreu foi um acidente de trabalho (não seria importante dizer o que seria, caso não “acidente de trabalho”?), considerando todas as circunstâncias (precárias) em

que ele se deu, como explicitou seu relato, como, por exemplo: “meu querido sapato de cargo já não me dava apoio nenhum”.

A partir do exposto, podemos constatar como a intensificação do trabalho, considerando seu caráter cada vez mais flexível, demandando inúmeras tarefas, se expressa não somente na precarização objetiva do(a) trabalhador(a), tendo, por conseguinte, sua faceta mais evidenciada nas formas de adoecimento mais “visíveis”. O caso de Santorini evidencia tanto esta faceta - considerando a lesão sofrida, de ligamento cruzado anterior (LCA), a tendinite, a atrofia muscular da perna esquerda, a fibromialgia e toda a dor e desconforto em tal processo - quanto explicita outra não tão aparente, ainda mais mistificada: o sofrimento psíquico que, por sua vez, denota que o caráter cada vez mais espoliativo do movimento de acumulação do capital, que também se dá subjetivamente. A acumulação por parte da empresa se dá não só no/pelo aumento da jornada, intensificação e flexibilização do trabalho, mas pelo não cumprimento das responsabilidades assistenciais com os trabalhadores por ela exauridos e adoecidos, com tais atribuições relegadas aos próprios trabalhadores, junto de todo o “gasto” psíquico envolvido, corroborando situações de sofrimento psíquico.

Por mais que não se trate de uma relação mecânica, determinista, não é de se espantar que com a reestruturação produtiva, expressa, por exemplo, na intensificação do trabalho e aumento das jornadas, suplantando, inclusive, conquistas da classe trabalhadora, como a própria redução da jornada, se produza muito mais sofrimento psíquico, bem como formas variadas de adoecimento nos(as) trabalhadores(as) (Furtuoso; Costa, 2021). Assim, uma série de efeitos deletérios silenciosos - e, nisto, insidiosos - do trabalho precário têm sido de ordem psíquica. O crescimento do sofrimento psíquico se dá tanto entre aqueles(as) que sofrem com jornadas desgastantes - seja no mercado formal ou na informalidade cada vez maior -, quanto entre os(as) desempregados(as), desesperançosos(as) de entrar ou retornar ao mercado de trabalho. Em consonância a Furtuoso e Costa (2021, p. 21): “[a] subordinação humana à valorização do valor, nos âmbitos da produção, circulação e consumo, requer condições de vida ainda mais precárias e, por conseguinte, sofredoras”.

No caso das especificidades do trabalho em cruzeiros, há de se ressaltar que o capital encontra um espaço ainda mais propício para a extração de mais-valor, seja ele absoluto, através do prolongamento das jornadas de trabalho, ou relativo, através do aumento da produtividade sem o pagamento correspondente, tal qual explicou Martoni (2019, p. 199) sobre o setor turístico: “setor ímpar na extração de mais-valor”. Além disso, vale-se de um bônus especial: os limites máximos das jornadas de trabalho, historicamente definidos em razão de limites

físicos e morais, não sofrem qualquer interferência da legislação internacional do trabalho – que, ao contrário, referenda-os. Não há que se falar em ilegalidade ou impunidade no caso dos navios, mas tão somente em legislação flexível obscena sob o ideário neoliberal. “O que é diferente na indústria de cruzeiros é que você tem o mesmo tipo de condições de exploração, mas todas são legais” (Nielsen, 2000, s/p., tradução livre).

Ou seja, temos no caso aqui analisado um exemplo pronunciado, “desenvolvido”, das formas necessárias à acumulação e valorização do valor nos marcos contemporâneos do desenvolvimento capitalista, a partir da reestruturação produtiva e passagem a um padrão de acumulação flexível. Santorini, portanto, não é um desvio ou anomalia, por mais que seja único, singular. Sua situação evidencia como as jornadas exaustivas, uma das expressões das mutações no mundo do trabalho no atual estágio de desenvolvimento capitalista, manifestam e reproduzem um descompasso cada vez maior entre o indivíduo, enquanto o ser social, e o gênero humano. Enquanto formas sofisticadas, acentuam a exploração (e opressão), cuja dinâmica reverbera em novas(-velhas) modalizações e no crescimento da alienação e estranhamento. No caso da dimensão subjetiva, a agudização e a generalização do sofrimento se apresentam não como efeito colateral, mas como expressão de tal dinâmica, conformando-a, ao passo que, dialeticamente, também é um mecanismo necessário de controle e obnubilação da capacidade organizativa da classe trabalhadora (Furtuoso; Costa, 2021).

Por não se produzir num vazio sócio-histórico, o turismo, nos marcos da divisão internacional do trabalho reproduz os mesmos mecanismos de exploração do trabalho que outras atividades econômicas já experimentam desde a reestruturação produtiva do fim do século XX, somados a mecanismos específicos do setor, decorrentes da sazonalidade que lhe é própria. A verdade é que a ampla maioria dos postos de trabalho gerados no turismo são, histórica e internacionalmente, de baixa qualidade: salários baixos, baixa organização sindical, flexibilidade de jornadas e jornadas prolongadas de trabalho são algumas das constantes que se repetem em diversos lugares do mundo (Cañada, 2019). Soma-se a isto as determinações não só de classe, mas do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo - não à toa, uma trabalhadora brasileira -, bem como as de raça, etnia, gênero e sexualidade. O turismo constitui-se “um setor ímpar na extração de mais-valor, adicionando grupos de trabalhadores às ações empreendedoras que se valem dos mínimos salariais, de ocupações sazonais, de horas trabalhadas acima da média, e da desorganização classista para fomentar a produção” (Martoni, 2019, p. 199).

Nesse interregno, o caso de Santorini - uma mulher trabalhadora, brasileira, do Nordeste - ainda nos explicita que, ao se referir aos indivíduos enquanto seres sociais, totalidades múltiplas (circunscritos à totalidade social), a saúde é social, isto é, determinada socialmente (Laurell; Noriega, 1989); e mais, uma totalidade. Logo, a própria dicotomização da saúde como física ou mental remete a uma concepção fragmentária, alienada e descaracterizante do ser, de modo que a reprodução de tal dicotomia por vezes no decorrer do trabalho, se dá criticamente, com fins didáticos. A concretude do caso de Santorini evidencia que as implicações do trabalho alienado e exploratório nas particularidades do modo de produção capitalista se expressam subjetivamente e objetivamente, com as dimensões biológica/orgânica/física e psicológica circunscritas à totalidade dela enquanto ser social e como ela, na sua singularidade, foi atravessada, constituída, ao mesmo tempo em que se produziu em tais circunstâncias. Se o desgaste do(a) trabalhador(a) é manifestado pela perda de suas capacidades biológica e psíquica, essas se recrudescem com o “trabalho em excesso” que lhe é imposto no processo de produção de mercadorias; se a exploração do trabalho é condição para a extração do mais-valor, ela é também elemento fundamental para a compreensão das determinações da saúde dos trabalhadores (Laurell; Noriega, 1989).

Por fim, o caso de Santorini também se mostra, na essência, em seu conteúdo e dinâmica, não só como sintoma social, mas como denúncia. Ao evidenciar o caráter precário, exaustivo e exploratório do trabalho em navios é, pois, um protesto contra ele - e, em extensão, às particularidades alienantes do trabalho no modo de produção capitalista. Ou seja, é um grito contra essas formas de trabalho (exploratórias, alienantes), naquilo que lhes são específicas, mas, grosso modo, ao modo de produção que se faz e se reproduz nelas/por elas; uma denúncia de que são adoecedores, que produzem sofrimento. Contudo, um protesto que atenta contra o próprio ser que sofre - seu corpo, sua mente - por se tratar de um protesto alienado e alienante, oriundo de formas alienadas de produção no/pelo trabalho alienado (Costa, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso em tela é representativo da participação das ocupações turísticas na dinâmica geral de precarização do trabalho, com seus rebatimentos diretos na saúde do/a trabalhador/a. Os cruzeiros, que logram capitalizar com o beneplácito do acolhimento econômico da narrativa de inclusão, tendo versões exclusivas para sexualidades, gêneros, apelos étnico-raciais e outros

tipos de segmentações de mercado, atraca com mar calmo no porto-seguro de um imaginário coletivo que o valoriza como expressão de ascensão social e cultural.

Tal qual ocorre em tantas outras expressões das vivências turísticas, as condições de trabalho ficam subjugadas e, com todos os esforços da aliança midiática-empresarial, escamoteadas do grande público. Todavia, é essencial compreender que a informação acerca de tais condições é uma etapa a ser vencida, não sendo condição única da transformação das relações sociais no tocante a tais vivências.

A situação de Santorini choca por explicitar a desumanização desse momento histórico. Sob o pretexto de ofertar lazer/entretenimento/diversão/cultura em equipamentos que sacralizam o acúmulo histórico do desenvolvimento tecnológico, empresas subsumem seres humanos aos imperativos da reestruturação produtiva que permitem seguir com a reprodução ampliada do capital, mesmo com a escalada do número de adoecimentos e mortes relacionadas ao trabalho em âmbito mundial.

Reafirma-se, pois, que a despeito dos artigos do Código Mundial de Ética do Turismo, e das elaborações acadêmicas que se limitam a ele como se fosse um instrumento de caráter autoaplicável e desprovido de intencionalidade de classe (muito embora seu compromisso com a economia liberal burguesa esteja presente textualmente), as expressões hegemônicas do fenômeno turístico participam de modo cada vez mais central da reestruturação produtiva e da precarização do trabalho. Não obstante as particularidades da (falta de) legislação direcionada aos cruzeiros marítimos, parece evidente, dada a contundência dessa e de outras expressões hegemônicas do turismo em termos de acidentes, adoecimentos e falecimentos de trabalhadores/as, que carecemos de transformações sociais profundas, com as quais a aproximação turismo-saúde tem muito a contribuir, em que pese carecer, atualmente, de maiores elaborações na perspectiva da determinação social da saúde.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, R. V. 'Migrant Tourist-Workers: Exploring the "Contact Zones" of Post-Industrial Tourism'. **Current Issues in Tourism**, v. 3, n. 2, p. 107-137, 2000.

BRITO FILHO, J. C. M. de. **Trabalho escravo**: caracterização jurídica. 2. ed. São Paulo: LTr Editora, 2017.

CAÑADA, E. **Las que limpian los hoteles**: historias ocultas de precariedad laboral. Barcelona: Icaria Antrazyt, 2015.

CAÑADA, E. Trabajo turístico y precariedad. In: CAÑADA, E.; MURRAY, I. (orgs.). **Turistificación global: Perspectivas críticas en turismo**. Barcelona: Icaria Editorial, 2019.

CLARO, J. A. C. dos S. Cruzeiros marítimos no Brasil: estudo exploratório sobre a qualificação profissional da tripulação brasileira. Pasos – **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 14, n. 4, p. 949-962, 2016.

COSTA, P. H. A. **Marx sobre a loucura**. Revista Dialectus, v. 26, p. 11-31, 2022.

DAHL, E.; ULVEN, A.; HORNELAND, A. M. Crew accidents reported during 3 years on a cruise ship. **Int Marit Health**, v. 59, n. 1-4, p. 19-33, 2008.

DELMANTO, C.; DELMANTO, R.; DELMANTO JR., R.; DELMANTO, F. M. A. **Código Penal Comentado: acompanhado de comentários, jurisprudência, súmulas em matéria penal e legislação complementar**. São Paulo: Saraiva, 2010.

FURTUOSO, L. M.; COSTA, P. H. A. Alienação, estranhamento e o problema da individualidade no capital em crise: uma análise do sofrimento. In: **Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2021: O futuro exterminado? Crise ecológica e reação anticapitalista**, 2021.

GRECO, R. **Código Penal: comentado**. 4. ed. Niterói: Impetus, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAURELL, A. C; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARTONI, R. M. **Turismo & capital**. Curitiba: Appris, 2019.

MARX, K. **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MASSON, C. **Código Penal comentado**. 2. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2014.

MELO, T. S. Turismo e saúde do trabalhador: uma viagem necessária na reestruturação produtiva do capital. **Boletim do Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito**, ano III, n. 27 – Rio de Janeiro: DIHS/ENSP/FIOCRUZ, 2017.

MELO, T. S.; DUARTE, D. C. **Turismo para quem?** Apontamentos sobre a diversidade existencial com foco na acessibilidade para pessoas com deficiência. In: Itinerário de reflexões e práticas de acessibilidade e inclusão: a potência do Fórum Interinstitucional / organizado por Laís Silveira Costa, [et al.]. – Rio de Janeiro: IdeiaSUS/ENSP/Fiocruz, 2022.

NIELSEN, K. **The Perfect Scam: For the Workers Life Is No Carnival, Believe It or Not**. Miami New Times, 03/02/2000. Disponível em: <https://www.miaminewtimes.com/news/theperfect-scam-6356930>. Acesso em: 19 set. 2020.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. (Orgs.). **Método histórico-social na psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-51.

PACHECO, J. N.; PANOSSO NETTO, A.; LOHMANN, G. Condições de trabalho de tripulantes brasileiros em navios de cruzeiros marítimos. In: **SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**, 7., 2010, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: ANPTUR, 2010. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/docs/index.php/seminario/2010/paper/downloadSuppFile/431/77>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PAULA, A. T.; HERÉDIA, V. B. M. Trabalho e desigualdade de gênero em navios de cruzeiro marítimo. **Revista da RET – Rede de Estudos do Trabalho**, v. 9, n. 21, p. 129-148, 2017.

PAULA, A. T.; HEREDIA, V. Atividades Características do Turismo (ACTs) e Trabalho Escravo Contemporâneo: uma aproximação inicial. **Turismo: Estudos & Práticas**, Mossoró, v. 9, pp. 1-18, 2020.

PEREIRA, C. R. **Efetividade dos direitos humanos trabalhistas**: o Ministério Público do Trabalho e o tráfico de pessoas: o Protocolo de Palermo, a Convenção n. 169 da OIT, o Trabalho escravo, a Jornada exaustiva. São Paulo: LTr, 2007.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RADIC, A. Occupational and health safety on cruise ships: dimensions of injuries among crew members. **Australian Journal of Maritime & Ocean Affairs**, v. 11, n. 1, p. 51-60, 2018.

ROCHA, E. K. G. T. “Camareira não pode ter dor nas costas, mas a gente tem!” Estudo de caso sobre o impacto do trabalho na saúde de camareiras de hotéis. In: ANTUNES, R. (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

SAKAMOTO, L. (org.). **Escravidão contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, J. B. F. dos; OSTERNE, M. do S. F.; ALMEIDA, R. de O. A entrevista como técnica de pesquisa do mundo do trabalho. In: ALVES, G.; SANTOS, J. B. F. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa sobre o mundo do trabalho**. Bauru: Canal 6, 2014. (Projeto Editorial Práxis).

SCHILLING, R. More effective prevention in occupational health practice? **Journal of the Society of Occupational Medicine**, v. 34, n. 3, p. 71-79, 1984.

SEHKARAN, S. N.; SEVCIKOVA, D. ‘All aboard’: motivating service employees on cruise ships. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 18, p. 70-78, 2011.

TELES, N. M. **Direito penal**: parte especial: arts. 121 a 212, v. 2. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WOOD, R. E. Turismo de cruceros en el Caribe: La globalización en el mar. **Annals of Tourism Research en español**, v. 2, n. 1, p. 99-128, 2000.

WU, B. The world cruise industry: a profile of the global labour market. **Seafarers International Research Centre (SIRC)**, Cardiff University. Cardiff, 2005.

ZHAO, M. Emotional labour in a globalised labour market: seafarers on cruise ships. **Seafarers International Research Centre (SIRC)**, Cardiff University. Cardiff, 2002.

SOBRE A AUTORA E OS AUTORES

ANGELA TEBERGA DE PAULA

Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Turismo pela Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB). Guia de Turismo Regional - DF, Nacional e América Latina (CADASTUR). Pesquisadora da Alba Sud (Barcelona/Espanha). Líder do Grupo Labor Movens em Condições de Trabalho no Turismo (UnB/CNPq). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas para o Trabalho (GEPT/UnB/CNPq). Membro da Aliança para a Formação e a Investigação em Turismo Social e Solidário - ISTO (International Social Tourism Organisation).

PEDRO HENRIQUE ANTUNES DA COSTA

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Mestre e Doutor em Psicologia pela UFJF. Professor do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Coordenador do grupo Psicologia e Ladinidades, sobre as interfaces do pensamento social e político latino-americano com a psicologia. Pesquisador do grupo de pesquisa Estudos Marxistas e Pesquisas em Política Social e Trabalho (GEMPP).

THIAGO SEBASTIANO DE MELO

Graduado em Turismo pela UNESP, campus de Rosana. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Rio Claro. Doutor em Geografia pelo Programa de Pós Graduação do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA na Universidade Federal de Goiás - UFG, com parte da pesquisa (sanduíche) realizada em Moçambique, na Escola Superior de Hotelaria e Turismo da Universidade Eduardo Mondlane. Docente no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – UNB. Vice-líder do Grupo LABOR MOVENS - Condições de Trabalho no Turismo (CNPq). Membro do grupo de pesquisa Dona Alzira - Espaço, Sujeito e Existência (UFG/IESA). Membro fundador da Rede Internacional de Estudos Críticos sobre Turismo, Território e Autodeterminação – REESCRITA.